

# Natorp, Husserl e Gurwitsch: o problema do “ego puro” na fenomenologia

Natorp, Husserl e Gurwitsch:  
the problem of the “pure ego” in phenomenology

Brenda Cardoso Soares

<https://orcid.org/0000-0002-0976-5064> – E-mail: [brendacsoares@gmail.com](mailto:brendacsoares@gmail.com)

## RESUMO

Há um debate acerca do “ego puro” que começa com Paul Natorp e Edmund Husserl e suas diferenças metodológicas advindas em grande parte da herança de seus predecessores. Este artigo pretende mostrar como a construção desse debate inicial dá subsídios para o desenvolvimento de um segundo dentro da própria tradição fenomenológica, no qual Aron Gurwitsch questiona o “ego puro” como elemento presente na esfera da consciência pura na virada transcendental husserliana, a partir da influência natorpiana.

**Palavras-chave:** Natorp. Husserl. Gurwitsch. Método fenomenológico. Método reconstrutivo.

## ABSTRACT

There is a debate about the “pure ego” that begins with Paul Natorp and Edmund Husserl and their methodological differences arising largely from the heritage of their predecessors. This article intends to show how the construction of this initial debate provides support for the development of a second one within the phenomenological tradition itself, in which Aron Gurwitsch questions the “pure ego” as an element present in the sphere of pure consciousness in the Husserlian transcendental turn, from the Natorpian influence.

**Palavras-chave:** Natorp. Husserl. Gurwitsch. Phenomenological method. Reconstructive method.

## Introdução

Na Filosofia há uma reconhecida discussão entre Paul Natorp e Edmund Husserl acerca da necessidade de um “ego puro” e da possibilidade de acesso intuitivo à subjetividade. Grande parte do debate é motivado pelo aspecto metodológico que envolve o método transcendental neokantiano e o método fenomenológico husserliano e se estende pela publicação de várias obras de ambos os autores. No entanto, o objetivo deste artigo não é tematizar essa discussão em si, mas investigar como ela fomenta uma outra polêmica muito menos conhecida e que ocorre no contexto interno da própria fenomenologia: a negação de Aron Gurwitsch, em 1929, sobre a possibilidade de um “ego puro” na esfera da pura consciência, afirmada por Husserl em *Ideias I* (1913).

Gurwitsch utiliza o posicionamento de Natorp para subsidiar suas próprias contestações da tese husserliana de um “ego puro”. Para Gurwitsch, um neokantiano defender o “ego puro” como polo do conhecimento subjetivo é coerente, porém um fenomenólogo seguir essa linha é no mínimo questionável. Na tentativa de explicitar a origem do questionamento gurwitschiano iremos partir de uma caracterização e evolução dos métodos transcendental (neokantiano) e fenomenológico (husserliano). Tendo esses elementos colocados de forma mais precisa, será possível uma melhor compreensão do debate entre Husserl e Natorp, especificamente sobre a questão do “ego puro”<sup>1</sup>, para enfim compreender o motivo de Gurwitsch citar Natorp na sua discussão com Husserl.

## 1 Metodologia e tradição

Uma compreensão da discussão entre Husserl e Natorp só é possível se antes temos clara a metodologia da qual respectivamente cada um deles parte, além disso ambos fazem parte de tradições que se relacionam com os problemas da filosofia de forma distinta, o que justifica as diferentes abordagens. O método transcendental dos neokantianos certamente se difere do método fenomenológico que descende da psicologia de ato de Franz Brentano. Mas em qual sentido exatamente e como essas diferenças influenciam no debate?

### 1.1 Paul Natorp, Escola de Marburgo e método transcendental

O método transcendental surge como expressão a partir de Hermann Cohen, líder da Escola de Marburgo, como uma alternativa para lidar com o desenvolvimento da ciência, fazendo oposição ao materialismo científico ao mesmo tempo que se diferencia de perspectivas idealistas como a de Fichte e Hegel. Como explica Porta (2011, p. 48) “Trata-se de partir da ciência como um *Faktum*, ou seja, como algo ‘dado’, e, por uma reflexão explicitadora, elevar-se ao estabelecimento de suas condições básicas de possibilidade”. Essa abordagem pretende evitar a fundamentação das condições de possibilidades lógicas da ciência num subjetivismo que poderia levar à aceitação de um psicologismo ou de algum princípio metafísico. A consequência dessa posição é a escalada rumo a uma objetivação do conhecimento, que permanece sem uma perspectiva subjetiva até Natorp.

<sup>1</sup> Esta polêmica não resume o diálogo entre os dois filósofos. As *Investigações Lógicas* são divididas em dois volumes, sendo o primeiro conhecido como *Prolegômenos*. Em *Allgemeine Psychologie*, Natorp admite estar de acordo com Husserl até o primeiro volume, obra na qual Husserl combate o psicologismo, porém discorda da solução fenomenológica e não lógica ofertada no segundo volume.

Ao retomar uma visão subjetiva, Natorp não pretende manter propriamente uma oposição entre sujeito e objeto que leva a um dualismo intransponível, mas entender a subjetivação e a objetivação como direções contrárias de um mesmo processo que é o fazer (*Fieri*) científico. Segundo Natorp (2013, p. 262 [285]), “o caminho da subjetivação, assim como o da objetivação, corre para o indeterminado, para o infinito em termos de possibilidade”<sup>2</sup>. A diferença é que da perspectiva objetiva se tem em última instância acesso à objetividade por meio das leis da natureza e experiências científicas regidas pela física e matemática. Enquanto do ponto de vista subjetivo, eu passo a fazer uma reconstrução desse processo de objetivação até chegar ao fato da consciência (*Tatsache des Bewusstseins*).

A reconstrução apresentada por Natorp é possivelmente uma das maiores influências do que mais tarde será chamada fenomenologia genética de Husserl, ainda que haja diferenças consideráveis e por esse motivo um estudioso de Husserl poderia não ver o mesmo problema da ausência de acesso intuitivo que Gurwitsch irá ressaltar. Sendo assim, é importante nos concentrar no âmbito em que o debate propriamente começa, no qual Husserl ainda estava falando a partir do ponto de vista do que se chama “estático”. Esse fato é relevante porque Natorp é explícito sobre os parâmetros do seu método reconstrutivo. Para Natorp (2013, p. 263 [287]), a reconstrução “é apenas a visão oposta da construção do objeto e tem em comum com ele o caráter genético ou metodológico, portanto, também o sentido da ‘intenção’, ou seja, a intenção que nunca é completamente cumprida”<sup>3</sup>. Por esse motivo o neokantiano, parte do fato da consciência, evidenciando que a reconstrução na direção à subjetividade pressupõe um ponto de partida sem nunca ter como acessá-lo propriamente para descrevê-lo ou ir além.

Em 1888, Paul Natorp publica a sua obra *Introdução à Psicologia*, na qual propõe o fato da consciência composto pela relação do ser-consciente ou consciencialidade (*Bewusstheit*), conteúdo (*Inhalt*) e “ego puro” (*reines Ich*). A consciencialidade é uma herança de Cohen que, como nos explica Porta (2011, p. 273), tem o objetivo de diferenciar “as instâncias lógico-objetivas (entre as quais se inclui a ‘apercepção transcendental’) das psicológicas”; o conteúdo é tudo aquilo que é dado ao ego; ao mesmo tempo que o “ego puro” é o polo de referência em relação ao conteúdo. Há entre “ego” e conteúdo uma relação funcional em que o “ego puro” é algo ao qual o conteúdo sempre se refere ao mesmo tempo algo do qual sempre se distingue.

O ego, como centro subjetivo de relação com todos os conteúdos de que tenho consciência, opõe-se incomparavelmente a esses conteúdos, não tem com eles uma relação do mesmo tipo que tem com ele mesmo, não está consciente de seu conteúdo como o conteúdo está para ele<sup>4</sup> (Natorp, 1888, p. 13).

Nessa reconstrução encontramos um limite. Isso porque o “ego puro” não pode vir a se tornar objeto para ele mesmo e por esse motivo não pode ser descrito. Segundo o neokantiano, a tentativa de descrição já gera uma objetificação:

Em outras palavras: toda ideia que formássemos do ego o tornaria um objeto. Mas já paramos de pensar nele como um ego ao pensar nele como um objeto. Ser ego significa não ser um objeto, mas ser aquilo para o qual algo é um objeto em relação a todos os objetos<sup>5</sup> (Natorp, 1888, p. 13).

<sup>2</sup> “der Weg der Subjektivierung verläuft ebenso wie der der Objektivierung ins Unbestimmte, der Möglichkeit nach ins Unendliche”.

<sup>3</sup> “welche nur die Gegenansicht der Konstruktion des Objekts ist und mit ihr den genetischen oder Methodencharakter, also auch den Sinn der „Intention“, und zwar der nie schlechthin sich erfüllenden Intention gemein hat”

<sup>4</sup> “das Ich, als das subjective Beziehungscentrum zu allen mir bewussten Inhalten, steht diesen Inhalten unvergleichlich gegenüber, es hat zu ihnen nicht eine Beziehung gleicher Art wie sie zu ihm, es ist nicht seinen Inhalten bewusst wie der Inhalt ihm”.

<sup>5</sup> “Anders ausgedrückt: jede Vorstellung, die wir uns von Ich machen würden, würde dasselbe zum Gegenstand machen. Wir

Aqui encontramos o ponto que vai nortear o debate tanto de Husserl com Natorp quanto de Gurwitsch em relação a Husserl: a não possibilidade de descrição da subjetividade. Porém, para compreender o porquê da importância dessa questão é necessário antes adentrar na tradição e metodologia husserliana.

## 1.2 Edmund Husserl, a Escola de Brentano e o método descritivo

Husserl é um dos alunos mais emblemáticos da Escola de Brentano e talvez o discípulo que tenha levado mais longe a proposta de descrição da subjetividade de seu professor. Franz Brentano é o responsável por desenvolver uma psicologia descritiva de estruturas psíquicas, os atos intencionais, que se correlacionam de forma não causal e compõem a nossa vida psíquica. Há aqui um ponto de contato com a tradição neokantiana, a subjetividade não deve ser estudada a partir de uma psicologia naturalista. No entanto, a forma como cada um conduz essa investigação é diferente.

Husserl parte da estrutura de Brentano a qual previa o ato intencional e o conteúdo/objeto. Não há nenhuma relação como a da conciercialidade proposta por Natorp, porque em Brentano a intencionalidade nem é uma relação propriamente dita, mas uma característica do próprio objeto que é o fenômeno psíquico. Não há um polo tal qual um "ego puro" que mantém uma relação de ser consciente de algo. O fenômeno psíquico por meio da intencionalidade tematiza seu objeto/conteúdo, por exemplo, quando eu escuto um som, o fenômeno psíquico (ato) é o escutar que tematiza o fenômeno físico som. O que há é um método de acesso à subjetividade: a percepção interna (*innere Wahrnehmung*). Ao se diferenciar da percepção externa e da introspecção, a percepção interna abre uma perspectiva de solução que anteriormente tinha como problema ou a submissão da psicologia aos resultados das ciências naturais ou uma regressão ao infinito. Graças a ela, tornou-se possível e necessário que ao mesmo tempo que o fenômeno psíquico se dirija a um objeto, ele também se dirija a si mesmo.

Quando Husserl retoma a psicologia do ato de Brentano e a noção de intencionalidade, ele opera mudanças importantes. Uma delas é a complexificação da estrutura desse ato, que passa a se desdobrar em momentos como qualidade, matéria, objetualidade e conteúdo representativo. Nessa nova estrutura o conteúdo passa a ser o meio de apreender o objeto, marcando uma distinção fundamental que carecia na descrição brentaniana na obra *Psicologia do ponto de vista empírico*.

Porém, há elementos relevantes na nossa discussão que se mantêm em Husserl como a possibilidade de um acesso intuitivo à subjetividade, o que permite a descrição dessa estrutura psíquica. Este é um ponto crucial que o diferencia de Natorp. Segundo Berger (1972, p. 14), enquanto Husserl "quer ir 'às coisas mesmas', ele vê os neo-kantianos da escola de Marburgo substituindo a reflexão sobre teorias científicas pelo estudo direto de objetos conhecidos"<sup>6</sup>. Outra herança positiva de Brentano é a manutenção de uma multiplicidade de atos intencionais. Assim como seu professor, Husserl também compreendia a vida psíquica como uma unidade que não descartava a complexidade. Por isso, partia da relação de atos intencionais articulados entre si sem a dependência de relações causais ou da referência a um polo de identificação, tal qual o "ego puro".

---

haben aber bereits aufgehört, es als Ich zu denken, indem wir es als Gegenstand denken. Ich-sein heisst, nicht Gegenstand, sondern allem Gegenstand gegenüber dasjenige sein, dem etwas Gegenstand ist".

<sup>6</sup> "While he wants to go 'to the things themselves', he sees the neo-Kantians of the Marburg school as substituting reflection on scientific theories for the direct study of known objects".

Agora é possível compreender o motivo de Husserl, após ter lido as colocações de Natorp, responder a ele na V Investigação, afirmando não encontrar esse polo de referência subjetivo ao qual o neokantiano se refere. Sendo o único polo subjetivo ao qual os conteúdos da consciência e os objetos poderiam se referir o ego empírico.

Devo confessar francamente, no entanto, que não consigo encontrar esse ego, esse centro primitivo e necessário de relações. A única coisa de que posso tomar nota e, portanto, perceber, é o ego empírico e suas relações empíricas com suas próprias experiências ou com os objetos externos que estão recebendo atenção especial no momento...<sup>7</sup> (Husserl, 2014, §8, p. 92).

Husserl certamente não resume a sua ideia de subjetividade ao ego empírico, mas é importante notar como este ainda desempenha um papel fundamental na metodologia do autor. É o ego empírico que o ego fenomenológico, ou a multiplicidade de atos intencionais, mantém como referência. Isso porque como Marbach (1974, p. 8) nos explica: “o ‘ego fenomenológico’ é o ego empírico individual visto do ponto de vista do fenomenologicamente dado, ou seja, o complexo real de experiências empiricamente concebido, o que Husserl chamará de fluxo de consciência”<sup>8</sup>. Gostaríamos de chamar atenção que geralmente é aceito que Husserl em *Investigações Lógicas* partia de uma concepção não-egológica da consciência, o que está correto quando comparado a Natorp, mas não reflete a complexidade da posição husserliana.

Natorp recebe as críticas husserlianas e em 1912 na obra *Psicologia geral segundo o método crítico* termina respondendo-as enfatizando justamente que por haver diferenças metodológicas latentes o “ego puro” não está ao alcance da fenomenologia que Husserl propõe. Posição essa que Gurwitsch retoma e concorda parcialmente como veremos mais à frente. Natorp é categórico quando afirma que:

Também é bastante compreensível que Husserl, de acordo com toda a intenção de sua “Fenomenologia”, comece sua consideração imediatamente com o “achado fenomenológico”, ou seja, em minha linguagem, com o conteúdo da consciência, que, de acordo com minha afirmação, é o único campo de investigação para a psicologia. O ego puro, o ego da consciência em geral, ao qual apenas minha tese se referia, não é, portanto, nem mesmo uma opção para ele<sup>9</sup> (Natorp, 1888, p. 36 [34]).

O debate poderia se dar por encerrado aqui. Porém, há no período subsequente importantes mudanças no método fenomenológico proposto por Husserl, que levarão à revisão da sua opinião sobre o “ego puro”, reconhecendo-o como necessário em 1913. A primeira prova material dessa alteração de posicionamento se dá na publicação da segunda edição de *Investigações Lógicas* em forma de uma nota adicional, na qual Husserl (2000, p. 93) se retrata ao mesmo tempo que minimiza o impacto dessa mudança nas análises dessa obra específica: “Devo enfatizar expressamente que a atitude aqui assumida em relação à questão do ego puro – uma

<sup>7</sup> “I must frankly confess, however, that I am quite unable to find this ego, this primitive, necessary center of relations. The only thing I can take note of, and therefore perceive, are the empirical ego and its empirical relations to its own experiences, or to such external objects as are receiving special attention at the moment...”

<sup>8</sup> “Das ‘phänomenologische Ich’ ist das individuelle, empirische Ich unter dem Gesichtspunkt des phänomenologisch Gegebenen betrachtet, d.i. die empirisch aufgefasste reelle erlebniskomplexion, das, was Husserl später Bewusstseinsfluss, Bewusstseinsstrom nennen wird”.

<sup>9</sup> “Es ist auch durchaus zu verstehen, dass Husserl, nach der ganzen Absicht seiner „Phänomenologie“, sofort beim „phänomenologischen Befund“, d.h. in meiner Sprache, beim Bewusstseinsinhalt, der ja gerade nach meiner Behauptung das einzige Untersuchungsfeld für die Psychologie ist, mit seiner Betrachtung einsetzt. Das reine Ich, das Ich der Bewusstheit überhaupt, auf welches allein meine These sich bezog, kommt für ihn daher gar nicht erst in Frage”

atitude que não mais endosso, como observei antes – é irrelevante para as investigações deste volume”<sup>10</sup>. A segunda e mais proeminente oficialização desse novo posicionamento é a inclusão do “ego puro” como elemento importante na sua fenomenologia transcendental em *Ideias I*.

## 2 O “ego puro” em *Ideias I*

Finalmente chegamos à posição husserliana em *Ideias I*. É a partir daqui que Aron Gurwitsch questionará o proceder de seu professor. Nessa obra publicada em 1913, Edmund Husserl introduz oficialmente o “ego puro” como elemento que compõe a esfera da consciência pura, descrevendo uma estrutura que à primeira vista pode parecer muito semelhante à proposta por Natorp.

Procedamos primeiro de uma forma que identifique diretamente o ser em questão, e – uma vez que o ser a identificar nada mais é do que aquilo que designaremos, por razões essenciais, como “experiências puras”, “consciência pura”, com os seus puros “correlatos da consciência” de um lado e seu “ego puro” do outro<sup>11</sup> (Husserl, 2014, § 33, p. 58).

Se em Natorp havia a consciencialidade (*Bewusstheit*), conteúdo (*Inhalt*) e “ego puro” (*reines Ich*), em Husserl temos atos intencionais, correlatos de consciência e “ego puro”. Mas o que de fato promove essa mudança tão contundente entre *Investigações Lógicas* e *Ideias I*? É possível destacar pelo menos dois elementos centrais para essa transição: a abordagem da temporalidade pela fenomenologia, a partir da qual precisa lidar com os temas da unidade e identificação através do tempo, e a adoção da redução transcendental como ferramenta metodológica que exclui o ego empírico, o qual atuava como referência ao ego fenomenológico.

Há ainda mais uma semelhança com a perspectiva natorpiana, a descrição do “ego puro” permanece inacessível, funcionando como polo de unidade e identificação. Esse problema era abordado de uma outra maneira em *Investigações Lógicas*, porque esta obra se situava como herança de uma psicologia do ato iniciada por Brentano, como vimos anteriormente. Na ocasião não se tratava da existência de um único e idêntico sujeito através do tempo, mas dos atos intencionais como momentos da multiplicidade que é o fluxo da consciência, que nesse contexto é abordado estaticamente do ponto de vista temporal.

Portanto, se existe em PES o “problema da unidade da consciência”, certamente não é sob a forma de identidade de um “eu” através do tempo. Trata-se de mostrar que a existência de uma multiplicidade ou diversidade no ato não afeta a unidade do fenômeno psíquico presente em um instante dado. Pelo contrário, em Natorp, com a introdução de um “ego puro” está colocado o problema de sua identidade no tempo, o qual remete à tradição kantiana da temática da apercepção transcendental (Porta, 2011, p. 285).

Se em *Investigações Lógicas* o tempo não era uma questão para Husserl, esse cenário muda no período que se seguiu até a publicação de *Ideias I*. No intervalo entre estas duas publicações, o autor começa a se dedicar cada vez mais à questão da temporalidade. Entretanto, curiosamente, quando Husserl introduz o “ego puro” na sua obra de 1913 ele escolhe explicita-

<sup>10</sup> “I must expressly emphasize that the attitude here taken up to the question of the pure ego – an attitude I no longer endorse, as remarked before – is irrelevant to the investigations of this volume”.

<sup>11</sup> “Let us first proceed in a way that directly identifies the being in question, and-since the being to be identified is nothing other than what we will designate, for essential reasons, as ‘pure experiences’, ‘pure consciousness’, with its pure ‘correlates of consciousness’ on one side and its ‘pure ego’ on the other”.

mente não abordar a questão temporal de forma suficiente, ainda que indique sua importância. Por esse motivo, o status do “ego puro” claudica em *Ideias I* que se encontra com status de uma fenomenologia estática ao mesmo tempo que apresenta indícios de uma vocação genética.

Outra virada muito importante é a redução transcendental, a qual poderíamos chamar de base de sustentação do método proposto por Husserl. A partir dela, o fenomenólogo pretende suspender a atitude natural e ter acesso ao resíduo que consiste na esfera da pura consciência. É esse fenômeno reduzido que deve ser descrito. Como a redução começa ser proposta apenas a partir de 1907, alcançando seu caráter transcendental em 1913, faz sentido que em *Investigações Lógicas* a ausência desta favoreça a recusa do “ego puro”. De acordo com Marbach (1974, p. 5), Husserl “apreende a consciência nas *Investigações Lógicas* em relação ao ego empírico, ou seja, em apercepção empírica”. Sendo assim, a radicalização da redução suspende completamente a relação entre o ego empírico e o ego fenomenológico, abrindo espaço para possibilidade da necessidade do “ego puro” na esfera de uma fenomenologia transcendental.

Se tomarmos como referência a discussão sobre o “ego puro” não há como negar certa presença de Natorp no desenvolvimento da fenomenologia transcendental. Há inúmeras análises sobre as trocas de correspondência entre os dois filósofos que sustentam essa alegação. Mas o quanto há de uma influência natorpiana na virada transcendental husserliana de fato? Há autores que defendem que essa é uma influência subestimada:

Como Husserl reconheceu após sua virada transcendental, foram suas discussões com representantes da tradição transcendental – ou seja, os neokantianos – que o ajudaram a desenvolver uma fenomenologia transcendental completa. Seu aliado mais próximo entre esses antigos oponentes era, sem dúvida, Natorp<sup>12</sup> (Luft, 2010, p. 59).

Luft (2010, p. 72) vai além e traça um paralelo direto entre a redução transcendental husserliana e a reconstrução natorpiana: “Em suma, a redução transcendental como ruptura com a atitude natural pode ser interpretada como uma *reconstrução* de como a atitude natural passou a ser constituída através da vida intencional”<sup>13</sup>. Entretanto, acreditamos que compreender o movimento de Husserl a partir da redução como um passo em direção ao método reconstrutivo de Natorp deve ser feito com cautela. Isso porque esse movimento reconstrutivo “genético” não tem em conta os mesmos parâmetros para ambos os autores como o próprio Natorp reconheceu anteriormente. Além disso, além de Natorp há outras relevantes influências que Husserl toma como referência para seu estudo da subjetividade. Uma delas certamente é Descartes com o processo de dúvida metódica e da perspectiva da subjetividade como evidência.

A introdução da redução fenomenológica nas aulas do semestre de verão de 1907 não parece ser diretamente atribuível a um exame aprofundado de Kant ou Natorp. Isso é confirmado pela forma da redução fenomenológica que aparece nessas aulas. Ela é caracterizada primariamente não por um pensamento kantiano, mas cartesiano, ou seja, pela ideia do início da filosofia em um dado absoluto (em uma evidência absoluta) e da época com relação a tudo que não corresponde a esse requisito<sup>14</sup> (Kern, 1964, p. 26).

<sup>12</sup> “As Husserl acknowledged after his transcendental turn, it was his discussions with representatives of the transcendental tradition – i.e., the Neo-Kantians – that aided him in developing a full-fledged transcendental phenomenology. His closest ally among these erstwhile opponents was undoubtedly Natorp”.

<sup>13</sup> “In short, the transcendental reduction as a break with the natural attitude can be interpreted as a *reconstruction* of how the natural attitude has come to be constituted through intentional life”.

<sup>14</sup> “Die Einführung der phänomenologischen Reduktion in den Vorlesungen vom Sommersemester 1907 scheint schon auf Grund des Vorangehenden nicht unmittelbar auf eine vertiefte Auseinandersetzung mit Kant oder mit Natorp zurückzugehen. Dies wird bestätigt durch die Gestalt der phänomenologischen Reduktion, wie sie in jenen Vorlesungen vorliegt. Sie ist dort in erster Linie nicht durch einen kantianischen, sondern durch einen Cartesischen Gedanken geprägt, nämlich durch die Idee des

Vamos ao encontro do pensamento de Kern que nesse sentido não subestima a influência de Natorp, mas também não a superestima. Há a influência de Descartes, a partir da qual se desenvolve a redução, há a de Kant com o caráter estrutural das condições de possibilidade da experiência, o que se desdobra na influência de Natorp e seu aspecto constitutivo da objetividade e reconstrutivo da subjetividade. O que se deve levar em consideração a respeito desse último, é que no caso comparativo entre os polos subjetivo e objetivo, em Natorp se trata de direções contrárias, já em Husserl de dimensões de experiências distintas. Como Kern (1964, p. 338) exemplifica:

Para usar a imagem das direções e dimensões espaciais, poderíamos dizer: Para Natorp, a ciência subjetiva situa-se apenas na direção oposta à objetiva; ela segue o caminho que a ciência objetiva e o conhecimento percorreram, por assim dizer ao contrário, enquanto, segundo Husserl, a ciência subjetiva e a objetiva estão na relação entre bidimensionalidade e tridimensionalidade<sup>15</sup>.

Um questionamento válido se deriva dessa diferença: trasladar o “ego puro” do contexto direcional natorpiano para o contexto interdimensional husserliano é possível? A legitimação dessa pergunta fica evidente quando lembramos que o acesso intuitivo à subjetividade e sua consequente descrição estão no cerne do método fenomenológico. Se o “ego puro” não pode ser acessado e nem descrito, é papel da fenomenologia pressupô-lo? Gurwitsch acredita que não.

### 3 A fenomenologia temática de Aron Gurwitsch e o problema do “ego puro”

Aron Gurwitsch é um fenomenólogo, aluno de Edmund Husserl, que nega de forma contundente a possibilidade de legitimar o “ego puro” como polo de referência da consciência pura na esfera transcendental. Apesar de pouco debatida, essa divergência fenomenológica não carece de importância. Spiegelberg (1981, p. 104) chega a descrever que “A crescente insistência de Husserl na certeza absoluta do ego puro e a negação igualmente insistente de Gurwitsch é talvez o caso mais notável de uma discordância básica entre dois importantes fenomenólogos”<sup>16</sup>.

Aron Gurwitsch faz desse problema o centro de sua tese publicada em 1929 *Fenomenologia temática e do ego puro*, a qual tem como base de discussão o texto de *Ideias I* de seu professor. A consciência temática gurwitschiana é quase idêntica à husserliana, ou seja, admite uma correlação entre o polo subjetivo, representado pelo cogito, e o objetivo representado pelo tema. Esse cogito descrito por Husserl, ao contrário da sua inspiração cartesiana, não está concentrado na certeza das próprias representações e por isso é indissociável da ideia de intencionalidade. Como nos explica Berger (1972, p. 34), “a própria essência da consciência deve ser dirigida

---

Anfgznz der Philosophie in einem absolut Gegebenen (in einer absoluten Evidenz) und der Epoche hinsichtlich all dessen, was dieser Forderung nicht entspricht”.

<sup>15</sup> “Um das Bild der räumlichen Richtungen und Dimensionen zu gebrauchen, könnte man sagen: Für Natorp liegt die subjektive Wissenschaft nur in der entgegengesetzten Richtung der objektiven; sie verfolgt den Weg, den die objektive Wissenschaft und Erkenntnis gegangen ist, gewissermassen rückwärts, während nach Husserl die subjektive und objektive Wissenschaft im Verhältnis von Zweidimensionalität und Dreidimensionalität stehen”.

<sup>16</sup> “Husserl's increasing insistence on the absolute certainty of the pure ego and Gurwitsch's equally insistent denial of it is perhaps the most striking case of a basic disagreement between two leading phenomenologists”.

para algo diferente de si mesma: essa é a vida que lhe é própria. Dizer simplesmente eu 'penso' não tem, portanto, nenhum significado"<sup>17</sup>.

Em uma consciência temática, o cogito é abordado sempre em função da sua contraparte objetiva, o tema. A diferença entre as abordagens de Husserl e Gurwitsch pode ser resumida no fato de que enquanto Husserl desenvolve mais o lado subjetivo (noético) dessa correlação, Gurwitsch dá acento ao lado objetivo (noemático). De qualquer forma, ambos partem do cogito como subjetividade.

Chamando aquilo de que nos ocupamos de tema de nossa ocupação, designamos por "cogito" aqueles atos nos quais realmente nos ocupamos com um tema, e por "cogito" a expressão "consciência temática", "consciência de um tema", pode ser substituído, de modo que os termos "tema" e "temática" sempre conotam ocupação atual<sup>18</sup> (Gurwitsch, 2010, p. 195).

Ou seja, o cogito nada é mais que a subjetividade da consciência temática que, justamente por estar sempre tematizada, nunca assume o aspecto de uma pura subjetividade, ele não é um "eu penso", ele é sempre um "pensando em algo" ou na perspectiva gurwitschiana "algo sendo pensado". Nesse sentido, é dito que ele é absorvido tematicamente. Conforme Gurwitsch (2010, p. 237), "Estou 'absorvido' no meu tema enquanto 'vivo' naqueles atos que tornam o tema presente"<sup>19</sup>.

Gurwitsch acredita que, partindo da perspectiva de uma consciência temática, a ideia de um "ego puro" não faz sentido, visto que apenas o cogito aparece como achado fenomenológico. Por esse motivo, Gurwitsch propõe uma volta à estrutura apresentada em *Investigações Lógicas*, mas dessa vez já levando em consideração a redução transcendental. Ironicamente, Gurwitsch faz a sua crítica utilizando quase o mesmo argumento que Husserl utilizou para questionar Natorp:

Nas análises da consciência temática, não encontramos um momento de ego descritivamente determinável como envolvido em cada ato da forma cogito, para não falar do ego como uma "fonte primária de gerações" da qual os atos se irradiam. Como já havíamos dito, devemos voltar à posição original de Husserl na primeira edição da *Investigações Lógicas* contra seu ponto de vista alterado em *Ideias*<sup>20</sup> (Gurwitsch, 2010, p. 239).

O que Gurwitsch, parece nos chamar a atenção é que nessa virada kantiana ou neokantiana, Husserl não só ganha o alargamento de sua fenomenologia rumo ao transcendental, mas também herda os problemas e, nesse caso, a pressuposição de uma solução.

Num sentido particular, ele (ego puro) esgota sua vida em cada *cogito* atual, mas também os vividos de fundo lhe concernem, assim como ele a eles; enquanto pertencentes a um *único*, ao meu fluxo de vividos todos eles têm de poder ser convertidos ou incluídos de

<sup>17</sup> "the very essence of consciousness is to be directed toward something other than itself: that is the life proper to it. To say simple I 'think' has thus no meaning".

<sup>18</sup> "Calling the something with which we concern ourselves the theme of our busiedness, we accordingly designate by 'cogito' those acts in which we actually busy ourselves with a theme, and for 'cogito' the expression 'thematic consciousness', 'consciousness of a theme', can be substituted, so that the terms 'theme' and 'thematic' always connote actual busiedness".

<sup>19</sup> "I am 'absorbed' in my theme while 'living' in those acts which make the theme present".

<sup>20</sup> "In the analyses of thematic consciousness we did not encounter a descriptively ascertainable ego moment as involved in every act of the form cogito, not to speak of the ego as a 'primal source of generations' out of which acts radiate. As we have already said, we must revert to Husserl's original position in the first edition of the *Logische Untersuchungen* over against his changed standpoint in the *Ideen*".

maneira imanente em *cogitationes* atuais; na linguagem kantiana: “O ‘eu penso’ tem de poder acompanhar todas as minhas representações” (Husserl, 2006 § 57, p. 132).

Como vimos, essa solução é necessária porque após a redução transcendental a relação com o “ego empírico” é suspensa e permanece apenas a esfera da consciência pura, a qual sabemos agora tem o cogito como subjetividade. Porém, também falamos que o cogito está sempre tematizado, então ele nunca assume o aspecto de uma pura subjetividade, resumindo-se em “pensando em algo”. Mas quem está pensando? Já que a referência, o “ego empírico”, não faz mais parte da investigação. Husserl não acredita que a esfera da consciência pura possa ficar sem um polo de referência e atribui esse papel ao “ego puro”, o qual defende permanecer como resíduo da redução, garantindo a identidade da consciência.

Ele faz parte, ao contrário, de cada vivido que chega e se escoia, seu olhar se dirige ao objeto “através” de cada *cogito* atual. O raio de luz desse olhar muda a cada *cogito*, iluminando-se de novo a cada novo *cogito* e desaparecendo junto com ele. O eu, porém, é um idêntico (Husserl, 2006, § 57, p. 132).

Para Husserl, a tematização da consciência sem um polo organizador põe em risco a manutenção da unidade e identidade da consciência. O “ego puro” é uma solução necessária porque até então não existia a alternativa de uma rede de relações internas que sustentariam essa possibilidade. Gurwitsch pretende mudar esse cenário utilizando conexões inspiradas na *Gestalt* como garantia de uma estruturação e organização interna da consciência.

Gurwitsch entende que Paul Natorp, o qual vem de uma tradição kantiana, consiga garantir esses aspectos fundamentais da consciência com uma dedução lógica, mas essa não é a tarefa da fenomenologia. Segundo Gurwitsch (2010, p. 240), “com respeito a unidades fenomenalmente dadas, não faz sentido perguntar sobre uma base de unidade em virtude da qual elas ‘se tornam possíveis’”<sup>21</sup>. Há uma distinção metodológica inegável entre o método fenomenológico e o reconstutivo. “Natorp não considera o ego um ‘dato fenomenológico’; segundo ele, o ego não se manifesta em constatações fenomenológicas, nem está obrigado a tal legitimação”<sup>22</sup> (2010, p. 238). Sendo assim, por mais que seja algo perfeitamente coerente numa proposta neokantiana, um “ego puro” apenas deduzido sem um acesso intuitivo é no mínimo estranho em terreno fenomenológico.

Gurwitsch pretende oferecer ao longo de sua obra de 1929 uma solução para a principal crítica sobre as descrições fenomenológicas: a impossibilidade de garantir a unidade e identidade da consciência por conta da observação estática. Sua intenção não é desprezar o aspecto temporal, mas oferecer uma alternativa complementar válida que não comprometa a intuitividade e a descrição tão características do método fenomenológico. Para o autor, o fluxo da consciência é contínuo, revelando uma dinâmica própria que deve ser observada e descrita. A consciência não é um agregado de conteúdos elementares que se apresentam separadamente e sucessivamente e que por isso precisam ser conectados por um elemento externo a eles. De acordo com Gurwitsch (2010, p. 240), a fenomenologia se propõe responder com base na descrição dos dados fenomenais tanto a validade das unidades objetivas como as motivações racionais das conexões da consciência “então o problema não pode ser levantado novamente em

<sup>21</sup> “With respect to phenomenally given unities, it makes no sense to ask about a ground of unity by virtue of which they are made possible”

<sup>22</sup> “Natorp does not consider the ego to be a ‘phenomenological datum’; according to him, the ego does not manifest itself in phenomenological findings, nor is it under the obligation of such a legitimation”.

relação à possibilidade desses mesmos dados e descobertas fenomenais”<sup>23</sup>. Como resume Gurwitsch (2010, p. 240), “Em geral, dentro do reino fenomenológico, a questão não é *como* algo é possível, mas *o que* é possível”<sup>24</sup>. A chave para essa resposta é se concentrar e partir da descrição direta dos fenômenos. Segundo o autor, no contexto da fenomenologia fundada a partir de um método descritivo, não há evidência direta do “ego puro”, sendo impossível atestar sua presença no fluxo de vivências.

O que o “ego puro” possui na fenomenologia de Husserl são funcionalidades atribuídas a ele para garantir a organização e o funcionamento da nossa consciência. Uma delas é direcionar a atenção através do cogito, a única subjetividade a qual tenho acesso intuitivo em terreno transcendental; a outra é ser o polo que garante a unidade e identidade da consciência através do tempo, onde seja possível que cada *cogitatio* pertença a mesma consciência. No entanto, o “ego puro” é uma solução extrínseca à organização do que Gurwitsch irá chamar de campo da consciência e por isso não a aceitará.

Por meio do desenvolvimento de uma rede interna de relações, cuja a complexidade nos impede de abarcar no escopo do presente artigo, Gurwitsch pretende descrever não só o proceder da atenção como também a organização estrutural da consciência, Aron Gurwitsch acredita estar honrando a exigência descritiva da fenomenologia husserliana e a visão natorpiana de que é impossível acessar o “ego puro” e descrevê-lo. Visto que uma descrição sempre objetiva, ou nesse caso tematiza, não há na tematização outra subjetividade encontrada além do cogito absorvido pelo próprio tema. Não significa que Gurwitsch concorda com Natorp totalmente. Para o fenomenólogo, a hipótese de um polo de referência subjetivo unificador e organizador ainda deve ser refutada. O que Aron Gurwitsch busca alcançar é a descrição de uma experiência transcendentalmente purificada. O que o diferencia tanto de Natorp quanto de Husserl é o fato de não acreditar que a pressuposição de uma subjetividade pura externa aos estados de consciência seja o caminho.

## Considerações finais

A discussão que há entre Edmund Husserl e Paul Natorp a respeito do “ego puro” até 1913 mostra como suas respectivas tradições, a saber, Escola de Marburgo e Escola de Brentano, e seus respectivos métodos, o método reconstrutivo e o método fenomenológico, norteiam as divergências das suas investigações acerca da subjetividade. A partir da virada transcendental husserliana, é possível acompanhar uma mudança de posicionamento de Husserl que, segundo Aron Gurwitsch, não faz justiça ao método fenomenológico.

Gurwitsch aponta esses problemas em sua tese de 1929, retomando os próprios argumentos utilizados por Husserl em *Investigações Lógicas* contra Natorp. O objetivo de Gurwitsch é subsidiar suas críticas à adoção do “ego puro” como elemento da esfera da pura consciência em *Ideias I* que não pode ser acessado ou descrito. Ao propor uma estrutura composta por redes internamente articuladas, Gurwitsch acredita satisfazer tanto a demanda de uma unidade e identidade da consciência, necessária na fenomenologia do ponto de vista temporal, ao mesmo tempo que respeita o princípio do método reconstrutivo de Natorp, que não aceita a objetivação de uma subjetividade.

<sup>23</sup> “then the problem cannot be raised again concerning the possibility of those very phenomenal data and findings”.

<sup>24</sup> “Quite in general, within the phenomenological realm the question is not *how* something is possible but *what* is possible”.

## Referências

- BERGER, G. *The Cogito in Husserl's Philosophy*. Translated by Kathleen Mc Laughlin. Evanston: Northwestern University Press, 1972.
- BRENTANO, F. *Psychology from an Empirical Standpoint*. Translated by McAlister, L.L., Rancurello, A. Terrell, D.B. 2. ed. (1995). London: Routledge, 1995.
- GONZÁLEZ PORTA, M. A. *Estudos Neokantianos*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- GURWITSCH, A. Phenomenology of thematics and of the pure ego: studies of the relation between *Gestalt* theory and Phenomenology. In: KERSTEN, F. (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973) II: Studies in Phenomenology and Psychology*. Dordrecht: Springer, 2010. p. 193-317. (Original publicado em 1929).
- HUSSERL, E. *Ideas for a Pure Phenomenology and Phenomenological Philosophy: First Book: General Introduction to Pure Phenomenology*. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, 2014.
- HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Introdução geral à fenomenologia pura. Tradução: Marcio Suzuki. São Paulo: Idéias e Letras, 2006.
- HUSSERL, E. *Logical Investigations*. Translated by J. N. Findlay. London: Routledge and Kegan Paul, 1970.
- KERN, I. *Husserl und Kant*. Den Haag: Nijhoff, 1964
- LUFT, S. *Reconstruction and Reduction: Natorp and Husserl on method and the question of subjectivity in neo-kantianism in contemporary philosophy*. Bloomington: Indiana University Press, 2011.
- NATORP, P. *Allgemeine Psychologie nach kritischer Methode*. herausgegeben, kommentiert und mit einer Einleitung versehen von Sebastian Luft. Darmstadt: WBG, 2013.
- NATORP, P. *Einleitung in die psychologie nach kritischer methode*. Freiburg i. B., Mohr: 1888.
- SPIEGELBERG, H. Gurwitsch's case against Husserl's Pure Ego. *Journal of the British Society for Phenomenology*, v. 12, n. 2, p. 104-114, 1981.

---

### Sobre a autora

#### Brenda Cardoso Soares

Pesquisadora de Pós-Doutorado (FAPESP) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutora em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Recebido: 7/7/2024

Received in: 7/7/2024

Aprovado: 13/11/2025

Approved in: 11/13/2025